

Os catecismos e a construção de conceitos: reflexão sobre os quadrinhos eróticos nos sistemas de organização do conhecimento

Catechisms and the concept construction: reflection on erotic comics in Knowledge Organization Systems

Etefania Cristina Pavarina

Doutoranda em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, UNESP, Marília, SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3626-5567>

E-mail: e.pavarina@unesp.br

Deise Maria Antonio Sabbag

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, UNESP; Professora doutora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, USP, Ribeirão Preto, SP, Brasil; Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista ‘Júlio de Mesquita Filho’, campus de Marília, SP, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6392-4719>

E-mail: deisesabbag@usp.br

Daniele Achilles

Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO; Professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e professora do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia e em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3648-7282>

E-mail: daniele.achilles@unirio.br

Resumo

Este artigo apresenta uma reflexão sobre as relações de poder que se instituem na formação social da cultura de massa e influenciam as produções e representações das histórias em quadrinhos consideradas “marginalizadas”, mais especificamente os catecismos de Carlos Zéfiro. Além disso, busca discutir como os quadrinhos eróticos são representados nos sistemas de organização do conhecimento. Para produzir a argumentação teórica foi realizada uma pesquisa bibliográfica com delineamento exploratório. Assim, a partir de uma perspectiva teórica verificou-se, como resultados, como os quadrinhos eróticos são tratados nos sistemas de classificação Classificação Decimal Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU), bem como nos cabeçalhos de assunto da Online Computer Library Centre (OCLC). Conclui-se que os sistemas de classificação não possuem notações específicas que distinguem os gêneros, temas, suportes e formatos de histórias em quadrinhos, tratando-os da mesma forma, fator que dificulta a recuperação da informação.

Palavras-chave: catecismos; quadrinhos eróticos; organização do conhecimento; sistemas de classificação; memória e organização do conhecimento.

Abstract

This study reflects on the power relations that are established in the social formation of mass culture and which influence the production and representations of comics considered “marginalized”, more specifically Carlos Zéfiro’s catechisms. It also seeks to discuss how knowledge organization systems represent erotic comics. A bibliographical research with an exploratory design was carried out to produce the theoretical argument. Thus, from a theoretical perspective, results show how erotic comics are treated in the Dewey Decimal Classification (DDC) and Universal Decimal Classification (UDC), as well as in the subject headings of the Online Computer Library Center (OCLC). Classification systems have no specific notations that distinguish genres, themes, supports, and formats of comics, treating them in the same way, a factor that makes information retrieval difficult.

Keywords: catecismos; erotic comics; knowledge organization; classification systems; memory and knowledge organization.

1. Introdução

Os primeiros registros da linguagem dos quadrinhos se dão nos tempos pré-históricos na forma de arte rupestre quando os homens das cavernas, em suas abstrações, perceberam que era possível registrar o mundo em miniatura por meio de suas pinturas nas paredes. Para compreender as origens dos quadrinhos é necessário refletir sobre duas importantes assimilações: 1) o poder que as imagens possuem para controlar o mundo, a realidade e desenvolver a sua capacidade interpretativa (Gaiarsa, 1977) e; 2) o poder que a criação e representação de imagens têm, não apenas para fins de comunicação, mas para a produção e manutenção da cultura.

Assim, quer seja nas representações pictóricas na era das cavernas, nas pinturas egípcias no período faraônico, no manuscrito pré-colombiano na Idade Média, nos pergaminhos medievais japoneses ou no desenvolvimento da arte sequencial gráfica a partir do século XVIII, que moldaram os quadrinhos até suas representações atuais, podemos identificar a genealogia dos contextos sócio-histórico-culturais nos quais os quadrinhos foram produzidos (Pavarina, 2022). Muitos desses registros demarcam acontecimentos importantes em determinadas épocas, usados no ambiente acadêmico para estudos sobre a memória cultural, local e institucional.

Os quadrinhos podem ser observados por meio de seus aspectos sociais e culturais, tornando-se “[...] uma das manifestações discursivas da cultura contemporânea [...]” (Costa; Orrico, 2009, p. 2). Seu papel como um dos principais meios de comunicação de massa, segundo Moya (1977), foi amplificado a partir da invenção da imprensa quando as publicações passaram a serem produzidas em larga escala, tornando possível o acesso aos quadrinhos. A legitimação cultural dos quadrinhos teve seu início com o reconhecimento de seu potencial artístico por parte dos intelectuais europeus e o surgimento do movimento *underground* norte-americano. Este movimento, voltado para fortalecer e conferir autonomia à produção de quadrinhos, desempenhou um papel crucial. Além disso, a explosão na produção e consumo de *graphic novels* desempenhou um papel significativo na consolidação dos quadrinhos como a chamada “nona arte” (Vergueiro, 2017).

Entretanto, apesar do reconhecimento atual das narrativas sequenciais gráficas no ambiente acadêmico e de seus poderes para representar as culturas (Almeida, 2020; Santos; Silva, 2022), para a formação de leitores (Bari; Vergueiro, 2007; Santos, Ganzarolli, 2011), para o desenvolvimento cognitivo (Kikuchi; Calzavara, 2009), entre outros, houve um tempo

em que os quadrinhos eram considerados marginais, uma paraliteratura, produtos denominados por Eco (1979) como de Baixa Cultura. Os quadrinhos eram vistos como produtos de um “submundo”, maléficos à formação dos indivíduos por, supostamente, irem contra os bons modos e costumes de determinadas sociedades. O preconceito com o tipo de suporte se converteu em um fator de severas restrições aos quadrinistas e editores gerando, nos Estados Unidos, um código de ética que limitava e controlava a produção dos quadrinhos, acarretando o movimento *underground* que influenciou toda uma geração de quadrinistas brasileiros ao produzirem suas próprias revistas “marginais” (Magalhães, 2021).

Os catecismos, quadrinhos produzidos por Carlos Zéfiro no período de 1950 a 1970, caracterizam-se como um dos precursores dos quadrinhos *underground* no Brasil (Magalhães, 2021), como um movimento de resistência às imposições da Alta Cultura no contexto da Ditadura Militar e atualmente representam uma memória da contracultura nacional (Moreira, 2012). O que torna Zéfiro “[...] um dos maiores ícones do quadrinho nacional; seja por sua temática tão peculiar, seja por seu folclórico anonimato” (Barroso, 2004¹, p. 130 apud Magalhães, 2021, p. 174).

Nesse contexto, essa pesquisa busca produzir uma reflexão sobre as relações de poder que se instituem na formação social da cultura de massa e influenciam as produções e representações das histórias em quadrinhos consideradas marginalizadas, mais especificamente os catecismos de Carlos Zéfiro. Assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em analisar a representação dos quadrinhos eróticos nos sistemas de organização do conhecimento, com ênfase específica no catálogo da Online Computer Library Center (OCLC).

A partir de uma perspectiva teórica estruturada na pesquisa bibliográfica, com delineamento exploratório que abrange documentos recuperados nas seguintes bases de dados: Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), Dialnet e Google Scholar, utilizando os termos: “representação de histórias em quadrinhos”, “catecismos AND quadrinhos”, “Carlos Zéfiro”, “representatividade AND organização do conhecimento”, “sistemas de classificação AND representação”. O processo de busca se deu mediante uma busca simples, no idioma português, sem lapso temporal pré-determinado.

Na base de dados Brapci foram recuperados oito documentos correspondentes à representação de histórias em quadrinhos, porém nenhum referente aos catecismos e a Carlos

¹ BARROSO, F. A. História recente dos quadrinhos. In: BAGNARIOL, P. et al. **Guia ilustrado de graffiti e quadrinhos**. Belo Horizonte: 2004, p. 75-154.

Zéfiro. Os termos “representatividade AND organização do conhecimento” trouxeram 11 resultados e “sistemas de classificação AND representação” retornaram 47 resultados. Na base de dados Dialnet foram recuperados: 6 documentos com o termo “representatividade AND organização do conhecimento”, 30 documentos a partir do termo “sistemas de classificação AND representação” e 25 documentos com o termo “representação de histórias em quadrinhos”, os termos “catecismos AND quadrinhos” e “Carlos Zéfiro” não trouxeram resultados nas buscas. Por outro lado, o Google Scholar trouxe um extenso resultado de busca em todos os termos pesquisados, dessa forma, foram analisados os 50 primeiros registros recuperados por cada termo.

Para a fundamentação e contextualização do referencial teórico foram lidos os títulos, as palavras-chaves e os resumos dos documentos recuperados para verificar a pertinência e aderência ao tema da pesquisa. Os documentos relevantes à pesquisa foram lidos na íntegra. Ademais, destaca-se os estudos de Abud (2012), Souza e Toutain (2010), Beall (2014) sobre representação de histórias em quadrinhos e os estudos de Calazans (1998), Navarro (2011), Moreira (2012), Rosario e Milanez (2013), Cardoso (2014), sobre os catecismos e Carlos Zéfiro. Além disso, foram utilizados como base estudos culturais (Geertz, 1973; Eco, 1979; Laiara, 2001; Cavesco, 2003) e pesquisas que discutem a legitimação das histórias em quadrinhos (Almeida, 2020; Batista, 2010; Carvalho, 2017; Magalhães, 2021; Vergueiro, 2017) com o propósito de evidenciar como se deu o processo de construção dessa legitimação cultural.

Após a fundamentação teórica da pesquisa, foi utilizado o método de estudo de caso, já que possibilita a análise de um “[...] fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não são claros e o pesquisador tem pouco controle sobre o fenômeno e o contexto” (Yin, 2015, p. 17-18). Nesse estudo de caso, foi conduzida uma pesquisa empírica na qual o catálogo da OCLC constituiu-se como o universo da pesquisa, enquanto os registros bibliográficos recuperados nesse catálogo representaram as amostras selecionadas.

Essa pesquisa se justifica devido ao crescente movimento que se tem na Ciência da Informação para discutir questões sobre a representatividade de determinadas comunidades discursivas trazendo à tona a (in)visibilidade de determinados assuntos de recursos informacionais relacionados ao gênero, à raça, à sexualidade, à religião e à nacionalidade nos acervos de instituições de patrimônio culturais (Moura, 2018; Noble, 2018; Souza; Toutain,

2010) e no desenvolvimento dos instrumentos de organização do conhecimento (Mello; Martínez-Ávila, 2021; Olson, 2001; Reis, 2019; Zamboni; Francelin, 2016).

Moura (2018) destaca que a constatação de que os dispositivos de representação da informação de certo modo podem viabilizar e priorizar a propagação e circulação de discursos hegemônicos, autoritários e regulatórios, trouxe para o campo da organização do conhecimento inquietações referentes às lógicas estruturantes dos sistemas e assimetrias dispostas como discursos organizadores. Assim, os instrumentos de organização do conhecimento se configuram como dispositivos que, ao incluir um conjunto heterogêneo de coisas, como discursos, instituições, leis e proposições filosóficas, destacam determinada função estratégica concreta que se inscreve em relações de poder em cruzamento com relações de saber.

Smit (1986, p. 33) observa que “existe uma verdadeira indústria do saber, ou seja, a indústria da ‘massa cinzenta’, visando a produção, distribuição e consumo dos conhecimentos”. Essa indústria controlada pelos detentores de poder no Estado traz reflexos às instituições de patrimônio culturais, que em escala locais e regionais, contribuem para o controle e manutenção dos saberes difundidos nas sociedades, ao ressaltar ou neutralizar determinadas temáticas em suas coleções, ora difundindo assuntos que garantem a rede de axiomas estabelecidas pelos detentores de poder viabilizando a manutenção do *status quo*, ora minimizando temáticas que refletem valores distintos veiculados pelos diversos agenciamentos de poder, oprimindo os modos de existência singulares, isto é, as margens da sociedade. Assim, o poder legitima determinados enunciados que, ao serem legitimados, pertencem à elite, construindo a segregação.

2. Da Baixa Cultura à legitimação cultural dos quadrinhos

A cultura é vista como um dos modos de registro da memória coletiva, definida por Maurice Halbwachs como uma espécie de reconstrução do passado, posto que todas as lembranças, mesmo as individuais, são constituídas a partir de um grupo (Achilles; Gondar, 2017). Com vistas nisso, é possível afirmar a cultura como um mecanismo que ordena e dá significado à vida, ao atuar também como um sistema que molda e dá sentido às práticas sociais ao construir seus modelos. Fora dela, o caos e a desordem predominam como imperativos da natureza, o que explica a derivação da sua etimologia a partir da oposição semântica cultura *versus* natureza. Laraia (2001, p. 42) explica que diferente dos animais que tiveram que se

transformar para sobreviver e se adaptar ao ambiente, os seres humanos, por meio da cultura, criam instrumentos e equipamentos exteriores que lhes permitem “[...] repetir os atos de seus antepassados, sem a necessidade de copiá-los ou de se submeter a um processo de aprendizado”.

Essa oposição entre cultura e natureza que dá estrutura à civilização permitindo o progresso intelectual e material humano conforme é apresentado e discutido por Ortega y Gasset (2005, p. 33, tradução nossa) na seguinte passagem de seu discurso inaugural no segundo congresso internacional de bibliotecas:

O tigre de hoje tem que ser um tigre como se jamais houvesse existido um tigre antes; ele não aproveita as experiências milenares que seus semelhantes tiveram no profundo fragor das selvas. Todo tigre é um primeiro tigre; deve começar desde o início sua profissão de tigre. Mas o homem de hoje não começa sendo um homem, mas, ao contrário, herda as formas de existência, as ideias, as experiências vitais de seus ancestrais e parte, portanto, do nível representado pelo passado humano acumulado sob seus pés.

Assim, apesar das diversidades somatológicas, mesológicas, geográficas e biológicas que permeiam os indivíduos e, de certo modo, os estruturam e os separam em grupos, que constroem diferentes sistemas de crenças e valores transmitidos de geração a geração e reforçados pelos membros constituintes das comunidades (Laraia, 2001), a cultura, independentemente da nacionalidade e etnia, confere aos indivíduos certos padrões de vida e comportamentos predominantes.

O antropólogo americano Geertz (1973, p. 89, tradução nossa) explica que a cultura “[...] denota um padrão historicamente transmitido de significados incorporados em símbolos [...]” atuando como “[...] um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seus conhecimentos e atitudes em relação à vida”. Nessa concepção, destaca-se a função da cultura de impor significado ao mundo e torná-lo comprehensível ao homem, como um sistema regulador que se ordena e se estrutura por meio de regras e padrões para manipular o comportamento humano.

Entretanto, o termo cultura suscita muitas interpretações. No século XVI a cultura era compreendida como um cuidar, num sentido de trabalho rural aplicado à agricultura e aos animais, estendendo-se, como metáfora, ao cultivo das atividades mentais e espirituais. Já no século XVIII o termo cultura corresponde ao termo civilização, como um modo ordenado e educado de se comportar, em oposição ao estado natural de barbárie. No século XIX, a concepção de cultura e civilização adquiriu uma conotação imperialista para justificar a exploração e colonização de novos povos para o progresso da sociedade e valores humanos,

acelerando o desenvolvimento. Em prol desse progresso, o termo cultura foi aplicado no século XX às manifestações artísticas e intelectuais, no sentido de serem obras revestidas de valores e práticas que representam e sustentam todo o processo de desenvolvimento humano (Cevasco, 2003).

Todavia, essas obras que representavam a ‘perfeição’ da humanidade eram seletas e possíveis apenas a uma minoria considerada mais educada e intelectualizada que teria a capacidade para representar os altos valores das sociedades, ignorando qualquer tipo de manifestações que fossem contra o sistema axiológico predominante. Essa ideia elitista de cultura impõe mecanismos de exclusões, que categorizam, hierarquizam os tipos de cultura em níveis (Alta Cultura, Média Cultura, Baixa Cultura) e os valores que lhes foram conferidos em detrimento dos gostos e padrões de vida e comportamento que permeiam os grupos sociais.

Eco (1979) explica que certos tipos de cultura se apresentam como um modelo classista, promovidos por um grupo de estudiosos aristocráticos que ressaltam determinadas manifestações artísticas em prol de outras. O ponto aqui não é elevar as massas à *cultura superior*, mas dividir os membros da sociedade, fragmentá-los, devido a uma ação progressista de caráter político que muda o foco das análises políticas para a crítica cultural, isto é, “[...] de uma crítica voltada para a mudança da sociedade passaram a uma crítica aristocrática sobre a sociedade [...]” (Eco, 1979, p. 39).

Todavia, independente das críticas dos estudiosos, as mudanças nos marcos culturais, nos quais as vontades, gostos e padrões da maior parte da sociedade, aqueles considerados medianos e subestimados, ganharam popularidade e predominaram em detrimento da Alta Cultura consumida e praticada pelo grupo dominante. “Contra as manifestações de uma arte de elite e de uma cultura propriamente dita, erguem-se as manifestações de uma cultura de massa [...]” (Eco, 1979, p. 37) a partir do surgimento dos meios de comunicação de massa na passagem do século XIX para o século XX viabilizando o acesso das populações aos bens culturais.

A imprensa, como um dos principais meios de comunicação da época, ganha notoriedade e dá voz ao povo constituindo-se como uma fonte importante de disseminação de histórias em quadrinhos. A fotografia e o cinema, por não exigirem alto nível de alfabetização para sua compreensão, se tornaram populares e ganharam espaço na sociedade, independentemente de gênero, idade ou religião.

Assim, a cultura de massa, considerada por muito tempo um subdomínio, uma subcultura, dentro da totalidade de culturas impostas pelos detentores do poder, se opõe às culturas tradicionais (folclóricas) e de elite, por possuírem sistemas axiológicos diferentes. Na explicação de Eco (1979) pertencem às culturas de massa as histórias em quadrinhos, revistas eróticas, o *rock'n roll* e os “piores” filmes de TV, considerados pelos aristocratas como produtos de ínfimo nível e nenhum valor estético.

As histórias em quadrinhos, como um dos mais populares produtos da cultura de massa (Moya, 1977), sofreu fortes críticas discriminatórias por representar e disseminar valores, costumes e modos de vida diferentes dos instituídos pelos racionalistas e elitistas. Essa visão dos quadrinhos como produto da Baixa Cultura, associada à publicação da obra de Wertham (1954) intitulada “Sedução dos inocentes” trouxe um olhar para os quadrinhos como subproduto cultural que denigre a formação dos jovens, incentiva o homossexualismo e desrespeita as instituições e famílias tradicionais da América, contexto no qual o livro foi publicado. Essas críticas enviesadas acarretaram o desprestígio dos quadrinhos, principalmente pelos intelectuais, nas esferas educacionais e acadêmicas, conforme apontam Luyten (1985) e Vergueiro (2009b).

Conforme destacado por Vergueiro (2017), a natureza híbrida da linguagem dos quadrinhos e o fascínio que historicamente exerceu sobre as massas de leitores, especialmente entre os jovens, constituíram o cerne da resistência por parte das elites intelectuais. Deste modo, verifica-se que o preconceito contra as histórias em quadrinhos pode ter sido instituído por uma relação de poder que permeia as esferas de todos os produtos da cultura de massa.

O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos foi iniciado na década de 1960 no contexto norte-americano pelo movimento underground e no contexto europeu por um movimento intelectual presente principalmente nos meios jornalísticos e acadêmicos (Vergueiro, 2017). Na Europa, clubes científicos sobre quadrinhos foram fundados a partir de 1962 e disciplinas acadêmicas foram introduzidas e institucionalizadas a partir de 1972 (Carvalho, 2017).

As pesquisas do final do século XX e início do século XXI mostraram o contrário dos discursos que denegriram os quadrinhos, evidenciando-os como produtos de extremo valor cultural e alto potencial para o desenvolvimento cognitivo, da criatividade e da imaginação (Luyten, 1985). Os quadrinhos são instrumentos riquíssimos para a iniciação à leitura e

requerem um alto grau de atenção por ser um sistema semiótico complexo que integra a linguagem visual e a linguagem verbal (Pavarina, 2022).

3. Catecismos: uma representação do erotismo ou da sexualidade?

Para compreender a importância dos catecismos na história dos quadrinhos brasileiros é necessário, *a priori*, explorar a cultura de massa vivenciada na época. Del Priore (2012, p. 114) afirma que “a impressão que se tem é que, no Brasil dos anos 50, jovens e velhos não podiam pecar”. A Igreja Católica predominava sobre os costumes e a moral do país e, portanto, o sexo era considerado um tabu, não havendo disponibilização de conteúdos informativos sobre sexualidade para os jovens. Ademais, o próprio período não era favorável para os quadrinhos, já que naquela época eram vistos como subprodutos, considerados “responsáveis pela degradação fisiológica do ser humano” (Luyten, 1987, p. 47), e proibidos pelos pais e professores por serem caracterizados como sinônimo de delinquência, violência, crime e marginalização, conforme comentado na seção anterior.

Em 1950 surgem no Brasil os catecismos, um gênero de histórias em quadrinhos pornográficas consideradas clandestinas. A divulgação e distribuição dos catecismos era realizada informalmente, pois devida a repressão política os envolvidos na produção desse tipo de material poderiam ser presos. O termo catecismo foi atribuído pelos leitores como referência de revistinhas de sacanagem (Cardoso, 2014). O autor considerado mais representativo dos catecismos é Carlos Zéfiro, codinome adotado pelo funcionário público por Alcides Caminha² (Vergueiro, 2009a). Devido à grande censura e repressão que o Brasil passava na época, os catecismos eram vendidos ilegalmente em bancas de jornal, junto com artigos religiosos, fator que lhes confere o nome de catecismos, como um modo de se misturar as demais produções vendidas pelas bancas (Rosário; Milanez, 2013). Os catecismos eram produzidos em preto e branco, com formato de ¼ de folha de ofício, similares aos livros de bolsos e cordéis, contendo um quadro por página, variando de 24 a 32 páginas por história.

Cardoso (2014) destaca que o que tornava os catecismos interessantes é que eles eram diferentes da maior parte das histórias de gênero eróticos das quais o enredo inteiro girava em torno do ato sexual. Os catecismos nunca começavam com sexo, que aparecia geralmente a

² Em 1991, revelou-se, em uma matéria da revista *Playboy*, que Carlos Zéfiro era pseudônimo adotado por Alcides Aguiar Caminha, um funcionário público do Rio de Janeiro. Cardoso (2014, p. 142) define Zéfiro como “um artista genial, um transgressor inocente, um feminista visionário, um militante engajado, o libertador do tesão nacional”.

partir da oitava página. Zéfiro escrevia histórias com começo, meio e fim, e demonstrava que a aventura sexual era conquistada. Essa observação foi corroborada por Vergueiro (2009a), que salientou que os catecismos de Zéfiro não apresentam um impacto tão chocante ou escandaloso quando comparados a outros quadrinhos pornográficos. Apesar da presença de centenas de situações sexuais graficamente detalhadas em suas histórias, é digno de nota que as narrativas fluíam de maneira natural, e as relações性uais frequentemente pareciam ser consensuais.

Os catecismos, como várias outras histórias em quadrinhos, também expressavam o contexto sócio-histórico-cultural da época. Para Navarro (2011, p. 3), “a pornografia de caráter político na modernidade passa a se pautar em críticas à moral instituída”. Navarro (2011) ainda afirma que essa forma de pornografia “[...] passa a atentar contra as normas dos bons costumes sociais, onde os personagens são homens comuns, em seus ambientes domésticos”. Segundo D’Assunção (1983³ apud Cardoso, 2014) os catecismos reproduziam muitos tabus e preconceitos do ponto de vista moral pelo fato de seu conteúdo expressar uma modernidade transgressora dos padrões da época. Mesmo que Zéfiro narrasse ações corriqueiras que aconteciam e, ainda, acontecem aos montes no Brasil, a forma explícita como ele escrevia o enredo e exibia as imagens chocava a sociedade, ao mesmo tempo em que instigava a leitura de seus quadrinhos eróticos.

Vergueiro (2009a) destaca a abordagem particular de Carlos Zéfiro em suas narrativas, revelando a estratégia de protagonistas masculinos como narradores para intensificar a identificação do leitor, supostamente masculino, com o personagem principal. Além disso, o sucesso de Zéfiro reside em sua sensibilidade aos valores da família brasileira, promovendo um comportamento cavalheiresco em relação às mulheres. O autor destaca a ausência de violência na obtenção dos favores femininos, enfatizando a persuasão como uma alternativa, e ressalta a aversão a representações de incesto, evidenciando um respeito pelos tabus sociais de sua audiência. A análise de Vergueiro (2009a) sugere que Zéfiro compreendia profundamente o perfil de seus leitores, alinhando suas histórias com os costumes sociais da época. Em última análise, as representações de temas como homossexualidade masculina, lesbianismo e o papel da mulher no contexto sexual refletiam de maneira precisa o erotismo brasileiro, contextualizando-o culturalmente.

Cardoso (2014, p. 18) observa que “a pornografia veio com os catecismos e o Brasil se abriu à experiência da pornografia com eles”. Verifica-se, a partir dos documentos consultados

³ D’ASSUNÇÃO, O. **O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

na pesquisa bibliográfica, que alguns autores ao realizarem a distinção entre erótico e pornográfico, categorizam os catecismos como pornografia devido ao fato de eles terem sido o marco inicial da representação sexual explícita no Brasil, onde até então não havia esse tipo de representação e nem o ato sexual exibido nas histórias em quadrinhos brasileiras. Entretanto, existem autores que categorizam os catecismos como quadrinhos eróticos, conforme relata Cardoso (2014, p. 20):

Curiosamente, entretanto, desde que os catecismos foram resgatados por intelectuais e admiradores, processo iniciado nos anos 1982 e em curso ainda hoje, eles também são classificados como eróticos ou sacanas, e ainda que seu caráter pornográfico seja consensualmente reconhecido, eles não recebem o mesmo tratamento que é direcionado à pornografia produzida atualmente.

Muitos confundem os quadrinhos eróticos com os pornográficos, ou até mesmo não sabem distinguir uns dos outros. Existe uma distinção do que é erótico e do que é pornográfico? Quando o pornográfico passa a ser erótico, ou o erótico passa a ser pornográfico? Para Silva (2011), estabelecer a linha entre ambos é difícil, pois não dá para distinguir, pelo traço, considerando que este é uma característica particular de cada artista, e nem utilizar o critério das ilustrações explícitas, pois ambos podem conter imagens das genitálias masculinas e femininas.

Como afirma o falecido artista Stephen Gilbert, “a diferença entre o erótico e o pornográfico é simples. Erótico é o que eu gosto. Pornográfico é o que você gosta, seu pervertido!” Ou, resumidamente, como declarou o arquiteto vienense Adolf Loos em seu manifesto de 1908: “Toda a arte é erótica” (Pilcher, 2008⁴ apud Silva, 2011, p. 170).

Assim, como sugere Calazans (1998), a distinção entre ambos começa no cunho etimológico. A palavra pornografia é derivada do grego, no qual “*pornos*” significa prostituta e “*graphô*” significa escrever, gravar. Conforme o dicionário Michaelis (PORNOGRAFIA, 2017, p. online) pornografia quer dizer “qualquer coisa que vise explorar o sexo de maneira vulgar e obscena”, pela arte, literatura, coleção de pinturas ou gravuras; “atentado ou violação ao pudor, ao recato; devassidão, imoralidade, libertinagem”. Logo, se a prostituição tem como fonte de lucro a “venda” dos corpos e os artefatos de cunho pornográfico vendem a imagem do sexo, com os quadrinhos não seria diferente.

Calazans (1998) afirma que manifestações culturais da categoria pornográfica são produzidas visando lucro fácil e imediato, e considera os quadrinhos pornográficos como produções meramente comerciais e/ou industriais, feitos por equipes anônimas, tornando essas

⁴ PILCHER, T. *Erotic comics: a graphic history*. Cambridge: ILEX, 2008. v. 1.

produções impessoais, ascéticas e explícitas. Em contrapartida, os quadrinhos eróticos carregam o estilo e a personalidade do artista, podendo conter indícios das posições políticas e estéticas do autor, nos quais são transmitidas mensagens e há diálogo direto entre o autor-leitor.

Refletindo sobre ambos, pode-se concordar que os quadrinhos pornográficos são superficiais, explícitos, sexo por sexo. Os quadrinhos eróticos contêm histórias mais complexas, carregadas de valores morais, políticos, sociais e significados, permitindo a reflexão para além da sexualidade. Nestes a sensualidade é mais valorizada e o sexo não é necessariamente explícito, muito menos o objeto da história; o sexo nos quadrinhos eróticos torna-se algo a ser conquistado.

Todavia os conceitos sobre quais obras são consideradas eróticas e quais são pornográficas mudam com o decorrer do tempo e período sociocultural de cada época, de acordo com os sistemas axiológicos predominantes. O que outrora era pornográfico – como as obras de Carlos Zéfiro – hoje em dia é considerado arte erótica e parte crucial da história das histórias em quadrinhos brasileiras. Assim, “os catecismos são, portanto, pornografia e erotismos, na medida em que tais termos, quando destituídos do seu caráter valorativo, podem designar a mesma coisa” (Cardoso, 2014, p. 30).

4. Teoria do Conceito e quadrinhos: uma reflexão sobre os sistemas de organização do conhecimento

No âmbito da Ciência da Informação são desenvolvidos diversos estudos sobre os conceitos, pois estes promovem um meio de identificar e representar o conteúdo de um documento. A partir de Dalhberg (1978, p. 102), depreende-se que um conjunto de enunciados constitui elementos de um conceito, assim, “[...] o conceito é constituído de elementos que se articulam numa unidade estruturada”. Esses elementos, segundo o autor, são usados para identificar os atributos e características dos conceitos por meio da formulação de enunciados sobre determinado objeto, fixados por signos linguísticos. No âmbito da Organização do Conhecimento um conceito pode ser definido como

Qualquer unidade de pensamento. Noção selecionada para reter como unidade de análise semântica, para fins de indexação. Na indexação os conceitos existentes num documento são extraídos pela análise, que os exprime através de palavras-chave. Elemento do pensamento expresso, em geral, por um termo ou por um símbolo literal ou outro. Noção. Preceito; máxima (Faria; Pericão, 2008, p. 188).

Assim, observa-se que o tratamento temático da informação é realizado por meio da identificação e descrição de um conjunto de enunciados presentes nos documentos, isto é, seus conceitos que são traduzidos em uma linguagem controlada. Sob tal perspectiva, Alvarenga (2001, p. 5) explica que “o conceito e a compreensão do que seja conceito é tema crucial, por pertencer à essência do trabalho de tratamento e organização da informação, compreendendo os processos de análise de assunto, classificação e recuperação da informação”, assim, a autora evidencia que “os conceitos e a formação de conceitos são o material para a construção das classificações bibliográficas (Alvarenga, 2001, p. 6).

Classificar se constitui, inicialmente, de um processo mental do ser humano de reconhecimento e agrupamento para organizar e dividir por grupos ou classes conceitos segundo suas diferenças e/ou semelhanças estabelecendo a eles determinada ordem (Piedade, 1983).

O termo “classificar” advém do latim “*classis*”, designado para organizar os grupos no qual se dividia o povo romano (Piedade, 1983). A classificação, na Antiguidade, era concebida como uma arte que organizava sistematicamente trabalhos seguindo alguma ideia pré-concebida, por exemplo a ordenação alfabética. A partir do século XV, a sistematização do conhecimento começou a ser realizada de maneira esquemática quando de fato iniciou-se um “movimento” de elaboração de sistemas de classificação, sofrendo uma progressão de *status* de arte realizada apenas pelos filósofos para um modo de classificar as ciências e os documentos, realizado por cientistas e bibliotecários, tornando possível a elaboração de sistemas de classificação como um fim em si mesmos (Dahlberg, 1978).

No contexto da Ciência da Informação, “Segundo Ranganathan classificar consiste em traduzir o nome dos assuntos dos documentos da linguagem natural para a linguagem artificial utilizada pelos sistemas de classificação bibliográfica” (Piedade, 1983, p. 17), assim a classificação possui uma relação fundamental com as linguagens documentárias e com outros modos de representação da informação, como a indexação, visto que o ato de classificar e indexar são promovidos por meio de tarefas que propiciam a divisão dos conteúdos a partir de referências previas, agrupando os termos referente às suas características similares.

É possível compreender melhor as relações entre classificação e indexação a partir de Lancaster (1993) que evidencia que a classificação não é apenas a atribuição de números classificatórios (extraídos dos esquemas de classificação) aos itens bibliográficos. O autor pontua:

Suponhamos que o bibliotecário tome um livro e decida que trata de ‘aves’. Ele lhe atribui o cabeçalho de assunto AVES. Alternativamente, pode atribuir o número de classificação 598. Muitos se refeririam à primeira operação como catalogação de assuntos e à segunda como classificação, uma distinção totalmente absurda. A confusão é ainda maior quando se percebe que a indexação de assuntos pode envolver o emprego de um esquema de classificação ou um índice impresso de assuntos que pode adotar a sequência de um esquema de classificação. Essas diferenças terminológicas são muito inexpressivas e só servem para confundir [...]. O fato é que a classificação, em sentido mais amplo, permeia todas as atividades pertinentes ao armazenamento e recuperação da informação (Lancaster, 1993, p. 21, grifo do autor).

Existem várias maneiras de classificar os mesmos objetos ou coisas e, por isso, foram desenvolvidos diversos sistemas de classificação. Isso mostra que não existe classificação certa ou errada, mas aquela que mais se adequa ao sistema utilizado e ao que se pretende classificar. Langridge (1977) identifica que a classificação mais adequada é aquela que se relaciona ao propósito no qual se deseja chegar, o que permite depreender que o propósito nas unidades de informação volta-se para a organizar e disseminar o conhecimento contido em seu acervo. Dentre os esquemas de classificação existem os gerais e os especializados. Os primeiros são elaborados para as bibliotecas públicas, bibliotecas acadêmicas e bibliografias nacionais; o segundo é mais utilizado em bibliotecas especializadas que enfatizam uma área do conhecimento, serviços de indexação e resumos, conforme destaca Langridge (1977).

Nas bibliotecas brasileiras os principais sistemas de classificação utilizados são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). Na CDD as estruturas são divididas em blocos que sistematizam o conhecimento em dez classes consideradas principais. Além das dez divisões das classes, dentro de cada uma delas existe uma subdivisão de outras dez subclasses, tomando o assunto do geral para o mais específico. Esse sistema permite que o usuário, ao buscar determinado documento no acervo físico, encontre-o juntamente com outros documentos sobre o mesmo assunto, e assim por diante, próximo a documentos com assuntos relacionados.

Por outro lado, a CDU possui um sistema de classificação mais detalhado e com algumas alterações de notação. Esse sistema divide-se em dez classes do conhecimento. Verifica-se que a CDU possui basicamente as mesmas classes que a CDD, com as subdivisões quase iguais, tendo apenas alguns acréscimos e pequenas variações. Com o intuito de conseguir elasticidade para a classificação de documentos, a notação consiste em números, letras e sinais (sinais de ligação, sinais analíticos ou especiais, outros sinais auxiliares). O sistema é parcialmente hierárquico e parcialmente expressivo, com grande apelo mnemônico e dificilmente adaptado para uso em computador (Langridge, 1997).

Na CDD as histórias em quadrinhos pertencem ao número de classe 741.5, denominada como “Caricaturas, desenho animado, cômico, fotonovelas/Quadrinhos”. Essa classe está dentro da classificação de Artes (número 700), dentro da subdivisão de desenho (número 741). Esse sistema de classificação possui algumas notações para distinguir as histórias em quadrinhos, como a classe 741.509 para história e crítica geral e 741.5092 para biografias e avaliações críticas. Entretanto, na CDU a classe 741.5 está sob o rótulo de “Caricatura. Cartuns. Desenhos satíricos e humorísticos”, não há indicações nesse sistema de classificação do termo histórias em quadrinhos e nenhum modo de subdivisão.

De acordo com Tarulli (2010), muitas bibliotecas, especialmente as públicas, adotam o sistema de classificação de Dewey, especificamente o número 741.5, sem considerar a singularidade das histórias em quadrinhos, tratando-as simultaneamente como um gênero e um formato. Lamentavelmente, para materiais gráficos, esse método de classificação enfrenta desafios significativos. Por exemplo, a possibilidade de intercalar obras fictícias no número 800 e obras não fictícias em suas categorias apropriadas pode resultar em problemas associados à segmentação do acervo, ou seja, colocar materiais de não-ficção e tópicos com assuntos semelhantes junto com histórias em quadrinhos em uma seção, e materiais ficcionais de quadrinhos em outra, o que confunde os usuários. Além disso, a adesão estrita ao sistema de classificação de Dewey amplifica ainda mais os problemas, ao agrupar esses itens sob o número 741,5, o que, evidentemente, não se mostra adequado à medida que a coleção gráfica se expande (Fee, 2013).

Conforme destacado por Tarulli (2010), a escassa familiaridade com as coleções de histórias em quadrinhos, juntamente com suas dimensões relativamente reduzidas nas bibliotecas, tem possibilitado que os profissionais negligenciem ou ignorem em grande medida as lacunas presentes no sistema de classificação de Dewey. Fee (2013) esclarece que uma alternativa viável é a adoção de algum tipo de classificação local. Essa abordagem demonstra eficácia não apenas em coleções especializadas ou de pesquisa, mas também em outros contextos.

Alguns pesquisadores, como Pajeú *et al.* (2007) e Abud (2012), desenvolveram propostas de classificação para os acervos locais. Pajeú *et al.* (2007) apresentaram uma proposta que utiliza a CDU como base, considerando que este sistema já era adotado pela biblioteca estudada (BCo da UFSCar). Essa proposta inclui a designação “HQ” para identificar o tipo de obra, uma bolinha colorida no canto superior esquerdo representando a classe principal das

histórias em quadrinhos, a inicial maiúscula dessa classe inserida na bolinha para facilitar a visualização pelo usuário, letras iniciais das categorias de gêneros das histórias em quadrinhos, a representação do gênero, notação da tabela Cutter para indicar a responsabilidade principal ou a primeira responsabilidade citada, a edição, número do exemplar (obrigatório) e/ou número e/ou volume da obra, e o país de origem da obra.

Por outro lado, Abud (2012), em seu manual de catalogação para histórias em quadrinhos adotado pela Gibiteca Henfil em São Paulo, propôs um modelo de classificação não convencional para atender às demandas não contempladas pela CDD e CDU. Em outras palavras, trata-se de uma classificação desenvolvida e adaptada pela instituição com o objetivo de facilitar a organização e o acesso ao acervo. O modelo de classificação de Abud é subdividido em cinco categorias: ficção, não-ficção, obras teóricas, cartuns e coletâneas, apresentando um vocabulário controlado associado aos principais gêneros e temas. Nessa proposta, os catecismos pertenceriam ao escopo dos gêneros ficcionais sob a classificação “QE” correspondente à “Histórias em quadrinhos eróticas” que inclui o Hentai (Mangá erótico japonês) e outras adaptações da literatura erótica em quadrinhos.

5. Os quadrinhos eróticos e o catálogo da OCLC

Conforme observado por Fee (2013), ao examinarmos a OCLC, tornam-se evidentes distintas práticas de catalogação, resultantes de decisões tomadas por catalogadores de diversas instituições. Isso decorre do fato de que a OCLC desempenha um papel como banco de dados para a cooperação entre bibliotecas, contando com um acervo de milhões de registros bibliográficos e empregando os cabeçalhos de assunto da Library of Congress Subject Headings (LCSH).

Apesar de a OCLC, uma das maiores cooperativas de bibliotecas do mundo, reconhecer a diferença entre as formas de histórias em quadrinhos, principalmente as particularidades e especificidades das *graphic novels*, decidiram utilizar a CDD e “[...] provisoriamente tratar tudo, desde caricaturas de quadro único a tiras de jornal de três quadros, histórias em quadrinhos e *graphic novels*, tudo da mesma maneira” (Beall, 2014, p. 1, tradução nossa, grifo nosso). A organização cooperativa explica que “embora essa seja uma ampla gama de material, não encontramos bons lugares para quebrar o *continuum* de modo a separar o material de forma útil em diferentes categorias” (Beall, 2014, p. 1, tradução nossa, grifo nosso). Nessa perspectiva,

qualquer tipo de história em quadrinhos é classificado como 741.59 e são subdivididas pelo país do artista ou principal responsável pela produção.

Diante do exposto, concorda-se com Souza e Toutain (2010, p. 90) ao pontuarem que “a classificação, quando realizada, não identifica o assunto e sim o tipo da obra (história em quadrinhos) e a indexação, parte da análise documentária e importante na identificação da obra, raramente é efetuada com detalhes”. Em perspectiva similar, Abud (2012, p. 8, grifo do autor) explica que

A indexação de histórias em quadrinhos é geralmente determinada pela sua forma (suporte informacional) e não pelo seu conteúdo propriamente dito. A CDD até reconhece as diferenciações existentes (*graphic novels etc.*), porém agrupa todas as histórias em quadrinhos em uma mesma notação: 741.5.

Em tais circunstâncias, Batista (2010) e Souza e Toutain (2010) evidenciam que as histórias em quadrinhos carecem de modelos de linguagens documentárias que representam suas características. Esse fator se dá, em partes, pela terminologia ampla de histórias em quadrinhos, na qual existe uma variedade de termos para representar os conceitos (alguns idênticos ou parecidos) e pouca bibliografia especializada na área, acarretando uma generalização quanto a sua nomenclatura, desconsiderando gêneros, temáticas, forma, conteúdo, indicação etária etc. (Batista, 2010).

Vergueiro (2005) aponta que o profissional da informação deve familiarizar-se com as histórias em quadrinhos e suas especificidades para poder realizar um trabalho adequado de tratamento deste tipo de documento, a fim de garantir a recuperação da informação e a satisfação dos usuários.

A OCLC possui uma lista de cabeçalhos de assuntos que contemplam os temas de quadrinhos eróticos a partir dos termos “*Erotic comic books, strips, etc.*” e “*Gay erotic comic books, strips, etc.*”. Os temas pornográficos pertencem ao cabeçalho “*Pornographic comic books, strips, etc.*”.

Neste estudo, procedeu-se inicialmente com uma investigação no catálogo por assunto (*subject heading*), empregando a palavra-chave “Carlos Zéfiro”. Contudo, a abordagem não teve êxito. Subsequentemente, conduziu-se uma pesquisa por autor (*author*) utilizando o mesmo termo de busca, resultando na recuperação de três registros, conforme ilustrado na Figura 1 a seguir.

Figura 1 – busca sobre Carlos Zéfiro no catálogo da OCLC

Search Results						
Search Criteria: author = carlos zéfiro						
Displaying 1 to 3 of 3						
Title & Author	Format	Holdings	Editions	From	To	
Carlos Zéfiro in black and white by Zéfiro, Carlos [Pseud.] LCC		4	2	1996	1996	
O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro by Zéfiro, Carlos, 1922-1992 LCC		2	2	1983	1984	
Catecismos do Brasil by Zéfiro, Carlos, 1922-1992 LCC		2	2	2016	2016	

Fonte: Online Computer Library Center (2022).

Observou-se que dois dos registros recuperados são coletâneas biográficas de Carlos Zéfiro, intituladas *Carlos Zéfiro in Black and White*, editada por Baerwaldt (1996), e *O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro*, de d'Assunção (1983). Adicionalmente, identificou-se um livro que apresenta os quadrinhos eróticos de Zéfiro (2016), traduzidos para o espanhol e intitulado *Catecismos do Brasil*.

No Quadro 1 foram elencados os cabeçalhos de assuntos presentes nos registros recuperados.

Quadro 1 – cabeçalhos de assuntos sobre Carlos Zéfiro no catálogo da OCLC

Título	Cabeçalhos de assuntos
<i>Carlos Zéfiro in black and white</i>	Brazil Cartoonists
<i>O quadrinho erótico de Carlos Zéfiro</i>	Sex Brazil Erotic comic books, strips, etc.
<i>Catecismos do Brasil</i>	Sex Underground comic books, strips, etc. Brazil Erotic comic books, strips, etc.

Fonte: Online Computer Library Center (2022).

A partir de uma análise dos cabeçalhos de assuntos da OCLC no contexto dos quadrinhos eróticos de Carlos Zéfiro verificou-se uma lacuna significativa na representação e abordagem de temas diversos que os catecismos contemplam. Há uma limitação evidente nos assuntos relacionados aos quadrinhos eróticos, resultando em uma falta de diversidade temática. Tal limitação compromete a capacidade do sistema de organização do conhecimento em oferecer uma cobertura abrangente e representativa dos variados aspectos presentes nesse meio artístico.

A ausência de uma diversidade de temas nos cabeçalhos de assuntos pode influenciar negativamente a pesquisa e a recuperação de informações relevantes, além de refletir uma potencial sub-representação de certos elementos culturais, sociais e artísticos presentes nos quadrinhos eróticos. Essa carência pode limitar a compreensão holística do fenômeno cultural que os quadrinhos eróticos representam, comprometendo a capacidade dos pesquisadores e bibliotecários de explorar e oferecer uma visão completa desse domínio específico.

No mais, ressalta-se que apesar dos catecismos serem quadrinhos que preservam a memória da contracultura nacional, eles não são difundidos no catálogo da Biblioteca Nacional (BN). Foi identificado um movimento de preservação e acesso da coleção de catecismos de Carlos Zéfiro, disponibilizado por Dave Braga no site carloszefiro.com. Entretanto, essa coleção não possui metadados especificados e mecanismos de recuperação da informação, tampouco quadrinhos separados por assunto dentro da temática erótica.

6. Considerações finais

A rejeição das histórias em quadrinhos surgiu a partir dos estigmas associados à cultura de massa. De acordo com Eco (1979), tais estigmas foram difundidos tanto por pesquisadores dos Estudos Culturais aristocratas quanto pela sociedade elitista, que consideravam os quadrinhos como um produto da Baixa Cultura, ou seja, um subproduto cultural. Essa falta de reconhecimento das histórias em quadrinhos se institui em uma relação de poder que permeia os conceitos de cultura e a fragmenta em níveis alto, médio e baixo. Assim, a legitimação científica e cultural dos quadrinhos passa por diversas dificuldades até se estabelecer como um produto de valor histórico-social-cultural e objeto de pesquisa.

Cabe aqui ressaltar que, se a constatação de que o preconceito ou os estigmas atrelados à literatura de histórias em quadrinhos é fruto das relações de poder diante da estruturação da cultura de massa significa que o sentido da memória, bem como da organização social do conhecimento nesse âmbito ao caminhar pela esteira da contracultura foi se produzindo e reproduzindo como uma forma de resistência, inaugurando outro sentido de memória e Organização do Conhecimento. Entretanto, apesar da crescente valorização dos quadrinhos no ambiente acadêmico, os quadrinhos *underground*, isto é, os marginalizados como os catecismos, ainda sofrem preconceitos, o que dificulta o desenvolvimento e recuperação de pesquisas científicas sobre essas temáticas.

Ao se tratar da representação de histórias em quadrinhos, verifica-se que não há uma padronização na etapa de análise e descrição devido as características e especificidades dos quadrinhos que podem dificultar a catalogação, indexação e classificação. Esse problema se intensifica e reflete nos sistemas de Organização do conhecimento, como as classificações que não possuem detalhamentos sobre as histórias em quadrinhos, conforme indicados nas análises da CDD e CDU. As histórias em quadrinhos nesses sistemas de classificação não são separadas por seus formatos (álbuns, coletâneas, *Graphic Novel* etc.), gêneros (charge, cartum, tira e álbum, mangá etc.) ou assuntos. Por exemplo, são misturadas as histórias em quadrinhos da Turma da Mônica com as *Maus*, *Gen pés descalços*, entre outros assuntos mais pesados, o que dificulta no momento da recuperação da informação.

Sobre a elaboração de sistemas de organização do conhecimento, Lara (2002) explica que quando se tem que classificar algo novo, que não se conhece, o profissional encontra dificuldades para formar grupos de termos similares, pois não se tem referências para classificar tal termo. A partir desta necessidade de novos termos, percebe-se que os modelos existentes já não são mais suficientes, dessa forma nasce a necessidade de um novo modelo, procurando por novos métodos de organização.

Olson (2001) explica que os vocabulários controlados são criados para minimizar a subjetividade e diversidade como um modo de padronizar a linguagem inserida em um sistema para promover acesso às representações de documentos por meio de seus assuntos através dos índices e/ou catálogos. Entretanto, a autora observa que ao passo que os vocabulários controlados são construções de um sistema universal, estes são também sistemas limitados de representação da informação que gera uma oposição binária de universalidade/diversidade, dificultando o acesso fora do *mainstream* cultural, isto é, dos grupos marginalizados pela sociedade.

Os vocabulários controlados da OCLC possuem termos que contemplam os quadrinhos eróticos e pornográficos, assim as bibliotecas que possuem esse tipo de documento podem se espelhar nas classificações indicadas e nos metadados disponibilizados por essa organização. No entanto, é importante observar que a maioria desses termos é genérica, e sua utilização isolada pode resultar em uma representação fragmentada dos quadrinhos. Recomenda-se, portanto, a combinação criteriosa desses termos com outros apropriados, a fim de assegurar uma representação mais abrangente e contextualizada desse meio artístico específico.

Conclui-se que apesar da literatura científica sobre representação de histórias em quadrinhos na Ciência da Informação indicar a necessidade de desenvolvimento de modelos de linguagens documentárias e instrumentos de organização do conhecimento que atendam as características dos quadrinhos, pouco se tem estudado ou proposto em relação a isso. Entretanto, a partir dessas iniciativas, verifica-se que existem ainda muitas discussões a serem lançadas sobre a representação de quadrinhos, principalmente referente à classificação e à indexação.

Referências

ABUD, H. L. Catalogação de histórias em quadrinhos: uma metodologia de trabalho. *In: ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES*, 1., 2012, Rio de Janeiro. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: Enacat, 2012.

ACHILLES, D.; GONDAR, J. O. Abordagens teóricas sobre a memória social. *In: FARIAS, Francisco Ramos de; PINHO, Leandro Garcia (org.). Educação memória história*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017. p. 109-120.

ALMEIDA, M. A. Mudanças no universo dos quadrinhos: textos, materialidades e práticas culturais. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 51, p. 24-42, 2020. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/29dc229fc425e5072a013ade745a68ad/1?pq-origsite=gscholar&cbl=2040281>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ALVARENGA, L. A teoria do conceito revisitada em conexão com ontologias e metadados no contexto das bibliotecas tradicionais e digitais. **DataGramZero**, v. 2, n. 6, 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/44685>. Acesso em: 25 ago. 2022.

BAERWALDT, W. **Carlos Zéfiro in black and white**. Santa Monica: Umbrella, 1996.

BARI, V. A.; VERGUEIRO, W. As histórias em quadrinhos para a formação de leitores ecléticos: algumas reflexões com base em depoimentos de universitários. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 13, p. 15-24, 2007. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/334/1/Hist%c3%b3rias%20em%20Quadrinhos.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2022.

BATISTA, Y. G. B. **Histórias em quadrinhos na biblioteca pública**: uma mudança de paradigmas. 2010. 58 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Faculdades Integradas de Jacarepaguá, Brasília, 2010.

BEALL, J. Graphic Novels in DDC: Discussion Paper. **OCLC**, [s. l.], 2014. Disponível em: <https://www.oclc.org/en/dewey/discussion.html>. Acesso em: 20 ago. 2022.

CALAZANS, F. M. A. As histórias em quadrinhos do gênero erótico. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, Botucatu, v. 21, n. 1, p. 53-62, 1998.

CARDOSO, E. **Zéfiro e os discursos morais no Brasil (1950-1970)**. 2014. 150 f.

Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2014.

CARVALHO, B. S. **O processo de legitimação cultural das histórias em quadrinhos**.

2017. 176f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em:
<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-31102017-123128/pt-br.ph>. Acesso em: 09 set. 2022.

CEVASCO, M. E. **Dez lições sobre estudos culturais**. São Paulo: Boitempo, 2003.

COSTA, R. S.; ORRICO, E. G. D. A construção de sentido na informação das histórias em quadrinhos. **DataGramZero**, v. 10, n. 2, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/6660>. Acesso em: 28 jul. 2022.

DAHLBERG, I. Teoria do conceito. **Ciência da informação**, Brasília, v. 7, n. 2, 1978. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/115>. Acesso em: 8 set. 2022.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas**: sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2012.

ECO, U. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

FARIA, M. I. L; PERICÃO, M. G. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: Edusp, 2008.

FEE, W. T. B. Where is the justice... league?: graphic novel cataloging and classification. **Serials Review**, [s. l.], v. 39, n. 1, p. 37-46, 2013. DOI: 10.1080/00987913.2013.10765484.

GAIARSA, José A. Desde a pré-história até McLuhan. In: MOYA, Álvaro de. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977. p. 115-120.

GEERTZ, C. **The interpretation of cultures**. Nova York: Basic Books, 1973.

KIKUCHI, F. L.; CALZAVARA, R. B. Histórias em quadrinhos: desenvolvimento cognitivo no Ensino Fundamental. **Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas**, Londrina, v. 10, n. 1, 2009. Disponível em:
<https://revistaensinoeducacao.pgsskroton.com.br/article/view/864>. Acesso em: 28 jun. 2022.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e prática. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 1993.

LANGRIDGE, D. **Classificação**: abordagem para estudantes de biblioteconomia. Rio de Janeiro: Interciênciac, 1977.

LARA, M. L. G. O processo de construção da informação documentária e o processo de conhecimento. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 127-139, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/23427>. Acesso em: 25 jun. 2022.

LARAIA, R. B. **Cultura**: um conceito antropológico. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LUYTEN, S. M. B. **O que é história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LUYTEN, S. M. B. **O que é história em quadrinhos**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MAGALHÃES, H. P. O submundo dos quadrinhos marginais. In: FERREIRA, E. M. A. (org.). **Abordagens intersemióticas**: artigos do I congresso nacional de literatura e intersemiose. Recife: Ermelinanda Maria Araújo Ferreira, 2021. p. 167-185.

MELLO, M. R. G.; MARTÍNEZ-ÁVILA, D. Colonialidade, classificação e poder. **Liinc em Revista**, Brasília, v. 17, n. 2, p. e5770, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5770>. Acesso em: 28 jun. 2022.

PORNOGRAFIA. In: Michaelis dicionário brasileiro da língua portuguesa. 15 jun. 2017. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pornografia>. Acesso em 15 ago. 2022.

MOREIRA, W. M. **Digitalização de documentos como meio de acesso e preservação de uma memória da contracultura nacional**: a Coleção de “Catecismos” de Carlos Zéfiro. 2012. 68 f. Monografia (Graduação em Arquivologia) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MOURA, M. A. Organização social do conhecimento e performatividade de gênero: dispositivos, regimes de saber e relações de poder. **Liinc em Revista**, Brasília, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/4472>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MOYA, Á. **Shazam!** São Paulo: Perspectiva, 1977.

NAVARRO, M. Pornografia impressa: uma análise dos catecismos de Carlos Zéfiro. **Revista Anagrama**, São Paulo, v. 4, n. 3, 2011.

NOBLE, S. U. **Algorithms of oppression**: Safiya Umoja Noble's powerful exploration of search engines' underlying hegemony and their racist, sexist practices. New York: New York University Press, 2018.

OLSON, H. A. The power to name: representation in library catalogs. **Signs**, Chicago, v. 26, n. 3 p. 639-668, 2001. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/3175535>. Acesso em: 28 jun. 2022.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER. **Busca em catálogo**. [S. l.], 13 set. 2022. Disponível em: <http://classify.oclc.org/classify2/ClassifyDemo?search-author-txt=carlos%20z%C3%A9firo&startRec=0>. Acesso em: 13 set. 2022.

ORTEGA Y GASSET, J. **Misión del bibliotecario**. Ciudad de México: Consejo Nacional para La Cultura y Las Artes, 2005.

PAJEÚ, H. M.; MAIA, C. M.; BASSOLI, M. E.; LIMA, T. A. Uma nova proposta de classificação de histórias em quadrinhos. **Biblionline**, João Pessoa, v. 3, n. 2, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/51351>. Acesso em: 20 maio 2024.

PAVARINA, E. C. Regime plástico-visual das histórias em quadrinhos: aspectos históricos e tecnológicos. **Comunicologia**, Brasília, v. 15, n. 1, 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/14166>. Acesso em: 20 jan. 2023.

PIEDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Interciênciia, 1983.

REIS, V. J. S. **A invisibilidade do feminismo negro nos instrumentos de representação do conhecimento**: uma abordagem de representatividade social. 195f. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

ROSARIO, L. O.; MILANEZ, N. O discurso da catequização do corpo nos “catecismos” de Carlos Zéfiro. In: COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO, 10., 2013, Salvador. [Anais...]. Salvador: UESB, 2013. p. 3797-3808.

SANTOS, M. O.; GANZAROLLI, M. E. Histórias em quadrinhos: formando leitores. **Transinformação**, Campinas, v. 23, p. 63-75, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tinf/a/D9KdmXLWyzCPhMcVH5cgpSg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 28 jun. 2022.

SANTOS, M.; SILVA, C. Da criação artística à representação do imaginário e da cultura popular no gênero história em quadrinhos. **Humanidades**, San José, v. 12, n. 1, 2022.

SILVA, J. M. **O Mundo dos Quadrinhos**. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <http://operamea.weebly.com/outros.html>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SMIT, J. **O que é documentação**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

SOUZA, E.; TOUTAIN, L. B. Histórias em quadrinhos: barreiras para a representação documental. **PontodeAcesso**, Salvador, v. 4, n. 1, p. 78-95, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3930>. Acesso em: 13 set. 2022.

TARULLI, L. Cataloging and problems with Dewey: creativity, collaboration and compromise. In: R. G. WEINER (ed.). **Graphic novels and comics in libraries and archives**: essays on readers, research, history and cataloging. Jefferson: McFarland, 2010. p. 213-221.

VERGUEIRO, W. C. S. Brazilian comics: origin, development and future trends. In: L'HOESTE, H. F.; POBLETE, J. (org.). **Redrawing the nation**: national identity in latin/o american comics. New York: Palgrave MacMillan, 2009a. p. 151-170.

VERGUEIRO, W. C. S. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. **DataGramZero**, v. 6, n. 2, p. A04-00, 2005.

VERGUEIRO, W. **Pesquisa acadêmica em histórias em quadrinhos**. São Paulo: Criativo, 2017.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, A.; VERGUEIRO, W. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

WERTHAM, F. **The seduction of the innocent.** New York: Kennikat Press, 1954.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZAMBONI, R. C. V.; FRANCELIN, M. M. Garantia cultural, garantia ética e hospitalidade na organização e representação do conhecimento. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 12., Salvador, 2016. **Anais** [...]. Salvador: ANCIB, 2016. Disponível em:
https://www.brappci.inf.br/_repository/2017/01/pdf_76b26b57d1_0000021953.pdf. Acesso em: 22 jun. 2022.

ZÉFIRO, C. **Catecismos do Brasil.** Valênciâa: El nadir Tres, 2016.

Artigo submetido em: 20 abr. 2023

Artigo aceito em: 14 abr. 2024